

Como aliviar a tensão?

Essa é a pergunta que todos se fazem, no Senado. Petrônio Portella, presidente do Congresso, quer evitar desdobramentos de uma situação que já é grave. Ontem, Virgílio respondeu a Brossard

Tarcísio: "Ideias não se prendem"

Curitiba - Após ter permanecido detido durante 30 dias no Quartel do Boqueirão, o Tenente - Coronel Tarcísio Nunes Ferreira foi liberado ontem, por volta das 13 horas, devendo - se apresentar hoje ao Comando da 5ª Brigada de Infantaria Blindada, de Ponta Grossa, após o que deverá providenciar sua remoção para Recife. Consultados sobre sua liberação e sobre o destino que teria tomado, oficiais do 5º Grupamento de Artilharia Auto - Propulsora, do Boqueirão, disseram apenas que ele havia saído em seu próprio carro e que não podiam acrescentar qualquer outra informação.

Mesmo assim, o Tenente - Coronel Tarcísio Nunes Ferreira foi localizado, pela imprensa, no escritório do advogado Ivo Árzua - ex - ministro da Agricultura do Governo Costa e Silva - onde fora, conforme comentou depois, agradecer pelas manifestações a ele favoráveis. Durante o contato com a imprensa, não deixou de responder às perguntas formuladas, enfatizando, quando questionado se havia mudado alguma de suas posições, após a prisão e o início do IPM em que foi indiciado, que "ideias não se prendem".

Disse também que não gostaria, embora reafirmasse as posições colocadas anteriormente, de abordar questões políticas, desde que tem "o firme propósito de não dar nenhum passo que infrinja a disciplina, já que entrar no ambiente da política partidária não me é permitido, como militar da ativa". O Tenente - Coronel Tarcísio Nunes Ferreira esclareceu, ainda, que durante o período em que esteve detido aproveitou para ler e meditar muito sobre o valor da liberdade, tendo inclusive concluído que "vale a pena lutar por ela, conforme exigirem as circunstâncias".

Durante a entrevista, Tarcísio Nunes Ferreira confirmou estar indiciado num Inquérito Policial Militar instaurado por determinação do General Rui de Paula Couto, Comandante da 5ª Região Militar. Acrescentou que foi submetido a cerca de 10 horas de interrogatório, durante o qual se procurou saber o contexto em que estaria inserida a palestra que realizou no Lions Club, em Ponta Grossa; se foi um ato inserido dentro de um esquema pré - fabricado ou se um ato isolado.

Continuou observando que ficou surpreso quando soube do IPM, já que, conhecendo o Código Penal Militar, não sabia em que item estaria enquadrado. Tinha consciência de que poderia ser punido não pela palestra, mas pelas entrevistas que concedeu depois à imprensa, por indisciplina, para o que o Regulamento Disciplinar do Exército apresenta uma pena máxima de 30 dias de prisão. "Mas o IPM foi uma nova surpresa". Ele disse não saber se seria chamado novamente a depor, já que o prazo do IPM é de 30 dias, e que o encarregado do inquérito pode prorrogá - lo por mais 20 dias.

Hélio Leite pede fim da pena capital

Recife - O presidente do Superior Tribunal Militar, Almirante Hélio de Azevedo Leite, afirmou ontem que a pena de prisão perpétua, prevista pela Lei de Segurança Nacional, deveria ser reduzida para o máximo de 30 anos. O presidente do STM, que declarou ontem em Salvador, ser favorável à extinção da pena de morte, observou ainda que a tendência é melhorar tudo, "pois não temos interesse em fazer mal a ninguém".

Disse também o Almirante Hélio Leite que, se o STM fosse incumbido das revisões dos processos dos condenados pela Lei de Segurança Nacional, faria o possível para realizar o melhor. O STM, frisou, é um bom tribunal e os próprios advogados e a imprensa, dizem que é um tribunal bastante liberal.

Ao referir - se às recentes prisões de quatro pessoas consideradas subversivas, em Recife, o Almirante Hélio Leite afirmou que os focos de subversão existem sempre e é preciso muita atenção para que não se volte à situação anterior a Revolução. Naquela época, acrescentou, todos nós sofriamos as consequências da subversão, por isso se a justiça acha necessário efetuar prisões, deve fazê - las dentro da legalidade.

O Governo não pretende responder às críticas do senador Paulo Brossard, líder do MDB, à mensagem que o Presidente Geisel enviou ao Congresso, em março, garantiu ontem o porta - voz do Planalto, coronel Rubem Ludwig. O líder da Arena no Senado, Eurico Rezende - que fez a defesa dos aspectos políticos da mensagem, logo após o discurso de Brossard, anteontem, provocando a retirada em massa dos emedebistas - disse que Geisel não deverá acionar instrumentos excepcionais. Apenas, pode acionar o Legislativo, ou deixar para dar uma resposta quando sair do Governo.

O porta - voz do Planalto, coronel Ludwig, recusou - se a comentar os incidentes de anteontem, no plenário do Senado. Em sua opinião, o caso é de estrita alçada do Legislativo. No Legislativo, no entanto, o caso não se esgotou: o presidente do Congresso, Petrônio Portella, levou para sua casa as fitas gravadas durante os acalorados debates entre Eurico Rezende e Paulo Brossard, que acabou se estendendo ao resto das duas bancadas, para verificar quem começou com os insultos. "A situação é gravíssima", disse Petrônio.

Brossard, ontem, retirou - se do plenário assim que se iniciou o pronunciamento do vice - líder arenista Virgílio Távora, que respondeu às suas críticas, nos aspectos técnico e econômico, alegando motivos particulares (tinha encontro marcado com o embaixador inglês). Prometeu requisitar ontem mesmo as notas taquigráficas, para analisar o discurso de Távora em profundidade, e dar posteriormente uma resposta. No entanto, confidenciou a amigos que vai se retirar do plenário sempre que o líder da Arena tomar a palavra - posição criticada por Petrônio Portella, o qual prometeu fazer tudo para aliviar o clima de tensão, que é evidente no Senado. Eurico Rezende, no entanto, voltou a defender a posição que assumiu, afirmando que o tumulto não foi provocado por palavras suas, mas do próprio Brossard, lidas por ele - como "alcatéia", referindo - se à Arena.

IMPREVISÍVEL

Petrônio Portella, presidente do Congresso, está visivelmente preocupado com o nível a que chegaram os debates, no Senado. O incidente entre Brossard e Rezende é, em sua opinião, dos mais graves, mas ainda mais grave é a possível escalada de ataques pessoais, que poderá desaguar numa situação imprevisível. Ontem Petrônio recebeu a visita de diversos senadores da Arena, inclusive Teotônio Vilela, e a todos demonstrou sua preocupação.

Na opinião de Petrônio - como confidenciou a amigos e alguns jornalistas - o senador Paulo Brossard é o principal responsável pelo clima de tensão, que acabou provocando o tumulto da sessão de anteontem, e que pode levar a uma situação insustentável. A situação criada a partir de seu relacionamento com o líder da Arena é perigosa, no seu entender. As consequências, ninguém pode prever. Petrônio lembrou que Brossard, em seu primeiro discurso como líder da minoria, fez ataques pessoais a ele, ao ler editorial do JB acusando - o de ter servido a vários governos. Petrônio considerou a referência uma injúria pessoal, que não apenas o atinge pessoalmente, mas à instituição da qual é presidente.

Petrônio acha estranho, também, o comportamento que Brossard parece pretender tomar, de retirar - se quando Rezende discursar, em nome da Arena. No caso, hipotético, de uma retirada de toda a bancada do MDB, seguindo o exemplo de seu líder, o partido da Oposição estaria, segundo Petrônio, assumindo uma grave responsabilidade. "Eles quererão demitir o líder do governo?" - indaga.

O incidente de anteontem, Petrônio refez ouvindo as fitas, ontem à noite, tranquilamente, para só depois chegar a uma conclusão (provavelmente ainda hoje). Brossard se disse insultado. Rezende também. Trata - se, então, de verificar quem insultou primeiro. E por que. Seja como for, o clima já era de tensão, desde antes da tumultuada sessão, e a partir dela só se agravou. Depois de ouvir as fitas, Petrônio

pretende conversar com os dois líderes, e com os senadores dos dois partidos, um a um, em busca de medidas que evitem que a situação se agrave.

A situação é delicada: às acusações de alguns emedebistas, para quem o líder da Arena estaria sendo estimulado pelo Governo em suas respostas contundentes, para forçar uma reação de Brossard extraparlamentar, Petrônio responde dizendo que não é isso que acontece. Mas reconhece que, se ele não está sendo estimulado, também não está sendo desaprovado, porque o Governo, afinal, se sente atingido pelas críticas de Brossard, e reage positivamente às respostas imediatas da Arena. Petrônio pretende agir o mais rápido possível, para evitar que a situação se agrave ainda mais, levando a novas trocas de insultos entre senadores, "o que merece à instituição e ao País, colocando - nos de maneira pouco primorosa aos olhos da opinião pública".

Uma coisa Petrônio precisou deixar claro: não fez nenhuma censura ao pronunciamento de Eurico Rezende, nem pretende fazê - lo, "a posteriori" (para que não constem dos anais alguns trechos). Confirmou, apenas, que recebeu uma comissão de senadores do MDB, à frente Paulo Brossard, logo após a sessão em que foram registrados os incidentes. "Fiz, então, algumas considerações sobre nossa convivência parlamentar, que não nos obriga a uma amizade, mas nos impõe o respeito mútuo". Ele nega que tenha feito qualquer consideração sobre a fala de Rezende, "razão pela qual não procedem as informações publicadas na imprensa a esse respeito".

O líder da Arena tem uma explicação para a notícia publicada pela imprensa:

- Nesse terreno da censura, a vocação do líder da Oposição para Catão é desastrosa. Os jornais garantem que o presidente Petrônio Portella censurou meu discurso, o que não é verdade. Ele apenas recolheu as fitas para tomar conhecimento dos dois pronunciamentos, como manda o Regimento Interno da Casa.

Como reagiram as duas lideranças

Eurico Rezende, líder da Arena, negou que exista qualquer gestão no sentido de abrandar seu diálogo com a Oposição, reafirmando que usou o direito legítimo de defender o Governo, particularmente o Presidente Geisel, além de todos os arenistas, de injúrias contidas não só no pronunciamento de anteontem, mas em outros feitos pelo líder do MDB, Paulo Brossard.

— Quem dá o tom é a Oposição — disse ele. Tradicionalmente, na mecânica parlamentar, é a Oposição que inicia os pronunciamentos, em termos de liderança. O líder do Governo tem como tarefa principal, no campo político, dar uma resposta à altura. Foi o que fiz. O desdobramento, dessa vez, e daqui por diante, só depende do tom da liderança do MDB.

Rezende lembrou que o que tornou os debates acalorados, provocando a interrupção da sessão, não foi nenhuma palavra dita por ele, de sua autoria, mas sim pinçadas de pronunciamentos ou entrevistas do próprio líder do MDB, "reproduzidas literalmente, e que caracterizavam insultos e outras ofensas igualmente graves ao Presidente Geisel, ao Governo e à Arena". Rezende disse que, anteontem, respondeu à parte política do discurso de Brossard, transferindo para Virgílio Távora a tarefa de, ontem, responder à parte econômica.

— O líder da Oposição começou seu discurso censurando expressões empregadas pelo presidente Geisel, em sua mensagem, para ele ofensivas à dignidade da Oposição. Limitei - me a sustentar a tese de que o líder emedebista não tem autoridade para censurar a linguagem alheia, e citei várias expressões usadas por ele, tais como "famulagem" — quer dizer: criação — qualificativo com que designou a comunidade arenista — afirmou Rezende.

Em sua opinião, quando Brossard comparou as reformas efetuadas em abril do

ano passado (o "pacote") com práticas nazistas, "teve o propósito de agravar a ofensa, tornando - a pessoal, tendo em vista implicações de origem racial, em relação ao Presidente Geisel" (cuja família descende da Alemanha).

Lembrou outras passagens de discursos de Brossard, como aquela onde ele afirmou que a Arena aprovaria qualquer projeto oriundo do Governo, fosse a revogação da Lei Áurea, fosse a venda de uma parte do Brasil aos Estados Unidos. "Tudo isso significa agressão grave ao Presidente da República, ao seu Governo e aos arenistas". Ele qualificou, também, a Arena de alcatéia, que significa bando de lobos ou malfeitores. A contundência não foi miúda — disse o líder da Arena.

Quanto à possível punição do líder emedebista, por parte do Governo, Rezende não a considera provável. "A reação revolucionária só se dá quando a delinquência verbal ou outro tipo de atitude tem o caráter contestatório. O Presidente não vai usar o AI - 5 pra responder ofensas pessoais. Ele tem duas opções: ou vai ao Judiciário, ou deixa para dar uma resposta adequada quando sair da Presidência".

José Bonifácio, líder da Arena na Câmara, conhecido por sua contundência nas respostas ao MDB, em plenário, disse que nunca viu uma legislação em que os insultos pessoais não surtissem. "Trata - se de um fato rotineiro, embora de tempos em tempos". Sobre os incidentes de anteontem, no Senado, evitou maiores comentários, alegando dois motivos: "primeiro, ainda não sou senador; segundo, não assisti aos debates". No entanto, ele acha que Rezende defende "a boa tese", ao resguardar a Arena e o Presidente da República "de ofensas".

BROSSARD

O Senador Paulo Brossard, líder do MDB, manifestou ontem, em conversa informal com jornalistas, em sua residência, a intenção de abandonar o plenário do Senado "todas as vezes em que for pessoalmente ofendido, como vem ocorrendo constantemente", pelo líder arenista Eurico Rezende (e não sempre que o líder arenista subir ao plenário, como dizia - se à tarde).

Brossard pretende também não conceder apartes, em seus discursos, ao Senador Eurico Rezende, "para evitar discussões e acirramento dos ânimos", e continuar a encaminhar protestos, por escrito, ao Senador Petrônio Portella, presidente do Senado, contra a utilização de "expressões antiparlamentares" pelo líder da Arena.

A situação criada no Senado por Rezende, com seus últimos discursos, nos quais, por duas vezes, acusou Brossard de possuir "propósitos subversivos", está, segundo o líder oposicionista, "trazendo muita preocupação à bancada oposicionista, porque não se sabe até quando os Senadores conseguirão se conter".

Tenho o Senado em alta consideração, e desde que fui eleito procuro engrandecer a instituição. Entretanto, se não puder contribuir para esse engrandecimento, pelo menos nada farei que possa diminuir o Senado - afirmou.

O líder da Oposição revelou ainda que não discursará hoje, como já havia anunciado, analisando os aspectos políticos da mensagem encaminhada pelo Presidente Ernesto Geisel ao Congresso, no dia 1º de março. O discurso, que já está praticamente pronto, segundo Brossard, "somente será feito na próxima semana, para permitir que o ambiente se acalme".

Ao final, o Senador Paulo Brossard frisou que as "provocações de caráter pessoal, proibidas pelo Regimento Interno do Senado, do líder da Arena, Senador Eurico Rezende", não impedirão que ele continue a fazer os discursos que achar necessários nos momentos que considerar oportunos, "porque esta é a função do partido da Oposição".

O MDB, concluiu, "continua inteiramente aberto ao diálogo, ao entendimento, desde que esse entendimento seja alto e sério, não aceitando intimidações".